



# A DISCIPLINA DE PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA A PARTIR DOS PROFESSORES DOS CURSOS DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

## THE DISCIPLINE OF ADVENTURE SPORTS FROM THE SPEECH OF TEACHERS OF PHYSICAL EDUCATION COURSES

Raimundo Erick de Sousa Agapto **1**

Diego Luz Moura **2**

**Resumo:** A presente pesquisa buscou discutir a disciplina de Práticas Corporais de Aventura, a partir da fala dos professores dos cursos de licenciatura em Educação Física, das Instituições de Ensino Superiores públicas brasileiras. Diante desse contexto essa pesquisa teve como objetivo: Analisar a percepção dos docentes das disciplinas de PCA acerca de seu aspecto pedagógico para atuação dos futuros professores. A pesquisa caracteriza-se como uma abordagem qualitativa. Para a realização do trabalho foram entrevistados 13 professores. A análise dos dados se deu através do método de Análise de Conteúdo, Bardin (2011). Para a coleta dos dados foi utilizado um roteiro de entrevista elaborado pelos autores da pesquisa. A realização das entrevistas evidenciou que a disciplina está se consolidando no currículo dos cursos de licenciaturas em Educação Física. Os professores demonstram afinidade com as Práticas Corporais de Aventura e conhecimento ao ministrar os conteúdos, interligando-os com diversos temas da atualidade.

**Palavras Chave:** Práticas Corporais de Aventura. Currículo. Formação Inicial.


**Abstract:** The present research sought to discuss the discipline of Adventure Sports, based on the speech of teachers of degree courses in Physical Education, from Brazilian public Higher Education Institutions. Given this context, this research aimed to: Analyze the perception of teachers of PCA disciplines about its pedagogical aspect for the performance of future teachers. The research is characterized as a qualitative approach. To carry out the work, 13 teachers were interviewed. Data analysis was carried out using the Content Analysis method, Bardin (2011). For data collection, an interview script prepared by the research authors was used. The interviews showed that the discipline is being consolidated in the curriculum of undergraduate courses in Physical Education. The teachers demonstrate affinity with the Adventure Sports and knowledge when teaching the contents, linking them with several current themes.

**Keywords:** Adventure Sports. Curriculum. Initial Tranni.

---

**1** Mestre em Educação Física. Docente no Instituto Federal do Ceará IFCE – Campus Canindé. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3391759409220341>. ORCID: <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0003-4302-6705>. E-mail: [erickagapto@gmail.com](mailto:erickagapto@gmail.com)

**2** Doutor em Educação Física. Docente no Programa de Mestrado em Educação Física-PPGEF na Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0726163469750495>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6054-4542>. E-mail: [lightdiego@yahoo.com.br](mailto:lightdiego@yahoo.com.br)



## Introdução

As Práticas Corporais de Aventura (PCAs) vem conquistando espaço e adeptos na área da Educação Física Escolar. Esse conteúdo está previsto na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018) e no Currículo das redes de educação Estaduais e Municipais em diversas regiões do país (MINAS GERAIS, 2011; PARANÁ, 2008; PIAUÍ, 2020; CEARÁ, 2019). Esses documentos curriculares orientam e auxiliam aquilo que os professores devem ensinar sobre as PCAS nas escolas.

Desde o final da década de 1990 e início dos anos 2000, diversas pesquisas vem buscando estudar as PCAs, tanto na área do lazer e do turismo, como estudos relacionados a Educação Ambiental e Educação Física Escolar. (INÁCIO *et al*, 2005; BETRAN; BETRAN, 1995; BRUHNS, 1997; COSTA, 2000; SCHWARTZ, 2006)

De acordo com a BNCC, as PCAs se caracterizam como um conjunto de modalidades quem envolvem risco e vertigem durante a prática de manobras arrojadas em paisagens urbanas ou naturais. Modalidades como skate, arvorismo, slackline, trilhas ecológicas, parkour e escalada são algumas das práticas corporais que permitem as PCAs serem classificados como Práticas Corporais de Aventura Urbanas ou Práticas Corporais de Aventura na Natureza (BRASIL, 2018). Essa classificação permite que diversos espaços, dentro e fora do ambiente escolar sejam explorados para o ensino desse conteúdo, como praças, parques, florestas, além da própria escola.

O ensino das PCAs na escola é um desafio para os professores, visto que é exigido o controle dos riscos inerentes às modalidades. Para que as aulas práticas aconteçam em segurança, tanto para os estudantes e professores, é interessante que o professor da escola tenha acesso à disciplina de PCAs durante a sua formação inicial.

Nesse sentido, espera-se que os professores que ministram esses conteúdos na escola, possam ter uma formação ampla e com vivências que possibilitem o ensino seguro e eficiente das PCAs, contemplando tanto os aspectos conceituais, como possibilitando vivências práticas que considerem as possibilidades de adaptação à realidade escolar e da comunidade na qual a escola está inserida.

Não podemos negar que a inserção das PCAs na Educação Básica, proposta pelos documentos curriculares nacionais e estaduais, lança um desafio aos professores de EF: ensinar um conteúdo novo e que necessita de equipamentos e técnicas específicas. No entanto o processo de formação do professor se dá na mudança e para a mudança. É reconhecendo a incerteza que nos abrimos para compreender o contexto social da escola, criando espaços de participação, reflexão e formação (IMBERNÓN, 2011).

É importante ampliar a visão que temos sobre a EF explorando a diversidade dos temas que são possíveis de serem ensinados pela disciplina. Porém é imprescindível que esses conteúdos sejam tratados com seriedade e significado para que contribuam de forma ampla e integral na formação do futuro professor.

No entanto, ao perceber a inserção desse tema na EF escolar, é importante conhecer como esse conteúdo está sendo abordado nos cursos de formação inicial, principalmente em relação a sua aplicação na escola. Diante desse contexto, buscamos compreender como os professores que ministram a disciplina de PCAs, nos cursos de licenciatura nas Instituições de Ensino Superior–IES Públicas do Brasil tem elaborado e ministrado os conteúdos da disciplina considerando a formação do futuro professor.

## Procedimentos metodológicos

### Caracterização do estudo

Realizamos uma pesquisa de abordagem qualitativa, exploratória e descritiva. A pesquisa de campo busca analisar uma realidade específica e é realizada através da observação do grupo estudado e da aplicação de entrevistas com participantes para captar informações e interpretações que ocorrem naquele grupo (GIL, 2008).

A pesquisa exploratória descritiva proporciona maior contato com o problema estudado, descrevendo as características de determinados grupos. Neste tipo de pesquisa é possível utilizar questionários ou entrevistas para a coleta dos dados qualitativos (GIL, 2008).

## **Instrumentos e coleta de dados**

Foi realizada uma entrevista semiestruturada, que consistiu em uma conversa entre o entrevistador e os participantes da pesquisa. Através das entrevistas é possível obter informações diretamente construídas no diálogo com o indivíduo entrevistado, pois tratam a reflexão do próprio sujeito sobre a realidade que vivencia (MINAYO, 1997).

A elaboração do roteiro de entrevistas foi realizada de forma coletiva com professores e membros do Laboratório de Estudos Culturais e Pedagógicos em Educação Física (LECPEF) da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf). Após a construção do roteiro, este foi encaminhado para as avaliações de dois professores doutores especialistas no tema. O roteiro continha questões sobre as experiências dos professores com as PCAs, antes e durante a graduação, sobre a experiência com o ensino da disciplina na graduação, e por último, sobre a organização e desenvolvimento da disciplina de PCAs no currículo de licenciatura em educação física.

Antes da realização das entrevistas a pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética e Deontologia em Estudos e Pesquisas da Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF (CEDEP/UNIVASF) nº 0003/110614.

## **Caracterização da população e amostra**

A amostra foi composta por professores que ministram a disciplina de PCAs em cursos de Licenciatura em Educação Física em IES públicas no Brasil. Para a seleção da amostra foram utilizados dois procedimentos. Em um primeiro momento foram identificados os professores que eram acessíveis através de grupos do aplicativo WhatsApp, com a temática do ensino e/ou pesquisa acadêmica em PCAs, como o grupo “Aventura Brasil”, que reúne professores de diversas regiões do país que ensinam o conteúdo das PCAs em diversos níveis de ensino, e o grupo de WhatsApp do Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura (CBAA), que também reúne professores e pesquisadores de diversas regiões do país.

Para os professores que não foram contatados através desse primeiro procedimento, foi enviado um e-mail para a coordenação dos Cursos de Licenciaturas das IES públicas que tinham a disciplina de PCAs, solicitando o contato dos professores que ministravam esse componente. Todos os professores contatados receberam um e-mail com o convite para participar da pesquisa que seguiam os dados básicos da pesquisa, a identificação do pesquisador, do orientador e o título e objetivos do trabalho.

A expectativa inicial era entrevistar 48 professores, visto que foram identificados 48 cursos de licenciatura que ofertavam a disciplina de PCAs. Porém, ao final das tentativas de contato, das 48 IES identificadas com a disciplina de PCAs, 07 não retornaram o e-mail. Em 09 IES não foi informado o professor responsável pela disciplina de PCAs, visto que a disciplina estava prescrita na matriz curricular, porém nenhum professor havia sido selecionado para ministrar aquele conteúdo até o período de realização das entrevistas.

Conseguimos entrar em contato com 32 professores por e-mail ou via aplicativo WhatsApp. Tivemos 19 professores que demonstraram interesse em contribuir com a pesquisa, 08 após contato por email ou WhatsApp, e 11 por indicação das IES. Desses 19 professores, 08 cancelaram a entrevista por motivos pessoais relacionados à questões de saúde ou luto na família, sublinhamos que a toda a fase de entrevistas ocorreu durante a pandemia de covid-19. Houveram 11 professores que não responderam os e-mails com o convite para participação da pesquisa, no caso desses professores foram enviados 03 e-mails para o endereço eletrônico indicado pela IES em datas diferentes, porém nenhum dos e-mails foi respondido.

Ao final, conseguimos entrevistar 13 professores, dos quais 07 são da região Nordeste; 02

são da região Sudeste e 04 são da região Sul do país. As entrevistas foram realizadas entre os meses de junho e setembro de 2021, de acordo com as datas e horários agendados previamente. As entrevistas aconteceram através do aplicativo Google Meet, considerando o distanciamento social provocado pela Pandemia da Covid 19.

Em um primeiro momento o pesquisador fez a sua apresentação pessoal e apresentou os objetivos da pesquisa. Todas as entrevistas foram gravadas com anuência dos entrevistados e posteriormente foram transcritas de modo a manter o sigilo dos participantes.

Os dados coletados foram analisados através do método de análise de conteúdo (BARDIN, 2011). O procedimento de análise foi dividido em 03 fases. Fase 01: Pré-análise, fizemos uma leitura flutuante, para organização e sistematização das entrevistas. Fase 02: Exploração do material, as entrevistas foram analisadas conforme os critérios estabelecidos pelo autor. Fase 03: Tratamento dos resultados foi realizado pela inferência dos dados obtidos e interpretação das falas dos entrevistados. Nesta última fase, foram construídas as categorias de análise, descritas no quadro abaixo:

**Quadro 01.** Categorias de Análise

Categorias	Descrição
Experiências com as Práticas Corporais de Aventura	Primeiros contatos com as PCAs; Identificação com as modalidades de aventura. Contato com as PCAs na graduação.
Experiência com o ensino das Práticas Corporais de Aventura no Ensino Superior	A inserção da disciplina de PCAs no currículo da Licenciatura; A elaboração do programa da disciplina;
Planejamento e desenvolvimento da disciplina de Práticas Corporais de Aventura	Conteúdos abordados na disciplina; Principais dificuldades encontradas para ensinar o conteúdo; Ações e projetos propostos pela disciplina.

Fonte: O autor.

## Resultados e discussão

Foram entrevistados 13 professores que atuam em cursos de Licenciatura em Educação Física de Instituições de Ensino Superior públicas no Brasil. Ao estabelecer um perfil dos professores, identificamos profissionais que atuam com essa disciplina há mais de 10 anos, enquanto outros professores começaram a ministrar esse componente ainda no ano de 2021. Para a apresentação dos dados sobre o tempo de ensino, foram formados dois quadros, um referente à experiência em cursos de graduação, e outro específico sobre o tempo de ensino das PCAs.

**Quadro 02.** Tempo de experiência no ensino superior

Tempo de Experiência como Docente em cursos de Graduação	Professores	%
Há mais de 10 anos	06	46,15
Entre 05 e 10 anos	05	38,46
Entre 02 e 4 anos	02	15,38
<b>Total</b>	<b>13</b>	<b>100%</b>

Fonte: O autor.

**Quadro 2.1 .** Tempo de experiência no ensino em disciplinas de PCAs

Tempo de Experiência como Docente da Disciplina de PCAs	Professores	%
Há mais de 10 anos	05	38,46
Entre 05 e 10 anos	02	15,38
Entre 02 e 4 anos	04	30,76
Entre 06 meses e 01 ano	02	15,38
<b>Total</b>	<b>13</b>	<b>100%</b>

**Fonte:** O autor.

A maioria dos professores entrevistados (46,15%) afirmou ter mais de 10 anos de experiência no ensino superior. Em relação ao ensino da disciplina, 38,46% ministram o conteúdo das PCAs há mais de 10 anos, enquanto apenas 15,38% ministram a disciplina há menos de 01 ano.

O fato de a maioria dos professores ofertar essa disciplina há tanto tempo, revela que esse conteúdo já estava presente no currículo das universidades antes da BNCC ser lançada entre 2017 e 2018.

Percebemos que os profissionais mais experientes, podem demonstrar mais segurança tanto na elaboração dos conteúdos a serem ministrados como em relação à aplicação desses conteúdos (VIEIRA *et al.*, 2021). Nesse sentido, acreditamos que as IES que possuem essa disciplina há mais de 10 anos perceberam a necessidade de ofertar tal disciplina, seja por imposição da matriz curricular ou por iniciativa de um determinado docente.

Outra informação que nos permite conhecer o perfil dos docentes entrevistados é a identificação do sexo dos participantes.

**Quadro 03.** Perfil dos Professores quanto ao sexo

Sexo	Professores	%
Masculino	08	61,5
Feminino	05	38,5
<b>TOTAL</b>	<b>13</b>	<b>100%</b>

**Fonte:** O autor.

A maioria dos professores entrevistados é do sexo masculino (61,5%), enquanto 38,5% do total são do sexo feminino.

A relação das mulheres com as PCAs é um tema discutido por pesquisadoras como Abdala e Costa (2009), destacando que as mulheres tem procurado a prática de atividades de aventura e risco na natureza, chegando a enfrentar barreiras sociais para se dedicar a aventura (ABDALA; COSTA, 2009).

Nesse sentido Schwartz *et al.* (2013, p.2) destaca que:

Algumas mulheres já ultrapassaram certas barreiras e desafios culturais e se impuseram no ambiente do esporte de aventura, tornando-se atletas de diferentes modalidades.

Percebemos que as mulheres têm conquistado diversos espaços nas PCAs seja como praticantes ou atletas. E para vencer as barreiras culturais têm usado estratégias, como a criação de blogs e sites para a divulgação de informações sobre a participação feminina na aventura (SCHWARTZ *et al.*, 2016).

## Experiências com as Práticas Corporais de Aventura

Nesta categoria os docentes foram questionados sobre a experiência com as PCAs antes do ingresso na graduação em EF. Do total, 06 professores relataram ter contato com as PCAs desde a infância, destacando a prática de jogos e brincadeiras como nadar em rios, escalar árvores, saltar barrancos, entre outros. Os outros 07 professores apresentaram em seus relatos a experiência com modalidades específicas dos esportes radicais e de aventura.

*Então, eu posso dizer assim, que eu tive uma infância com bastante micro aventuras, né? Subir na árvore, andar em cima de muro para roubar manga no vizinho. Ir com os colegas de bicicleta até uma cachoeira. Então eu tenho essas vivências (Professor 01).*

*Eu cresci com uma relação com o natural. Minha avó e minha mãe são do Espírito Santo, e às vezes eu ia para lá. Então a praia, a trilha... Na frente da casa da minha avó tinha algumas brincadeiras que estão associadas com a aventura (Professor 03).*

*Eu fui criado no campo. Nasci na cidade, mas eu tinha uma infância muito ligada ao campo. Cresci em uma região aqui do Maranhão chamada Baixada Maranhense. É uma região de grandes lagos, de muita vegetação natural e muita água, né? É uma região que tem muito alagado, então eu brinquei muito na infância com isso (Professor 05).*

*Eu sempre gostei de praticar esportes diferentes, então na minha infância eu vivenciei skate e patins. Sempre gostei muito de bicicleta. E hoje eu entendo que praticava outro esporte de aventura... Outros esportes de aventura, que eram o parkour e a escalada mesmo que em pé de siriguela (Professor 12).*

Compreendemos que os relatos apresentados pelos professores são referentes às suas biografias de movimento. O conceito de biografia de movimento foi pensando por Souza (2019), com a intenção de explicar que “as trajetórias de vida dos indivíduos não só se constroem como se reconstroem pelo movimento” (p.13).

É possível observar na fala dos professores um ideal de uma vida cercada de aventuras na infância. Isso pode ser compreendido como uma forma de ressignificar a memória se apropriando dos conceitos de aventura, atribuindo um valor aos jogos, travessuras e brincadeiras da infância (INÁCIO *et al.*, 2005).

Destacamos que ao narrar o passado é comum destacar memórias que reforcem aquilo que vivemos ou defendemos no presente. A memória atua de forma seletiva, nesse caso, os professores utilizam a memória para justificar a sua identidade atual como uma forma de entender o próprio presente. Esse tipo de recurso pode ser visto no relato de atletas de outras modalidades (MOURA *et al.*, 2010).

Esta intercessão entre o lúdico e a prática de aventura na infância dá margem a reflexões sobre o trato das PCAs na escola, visto que esse tema é defendido em propostas de ensino das PCAs, como pode ser observado no projeto de Extensão Escola de Aventura, da Universidade Estadual de Maringá – PR.

Desde 2014, o projeto escola de aventura produz conhecimento a respeito da relação entre aventura e os hábitos de lazer de escolares do primeiro ciclo do ensino fundamental. Ademais, procura relacionar suas ações pedagógicas a uma educação para e pelo lazer (CORREA *et al.*, 2020, p.4).

Propostas como a da Escola de Aventura também são defendidas por autores como (MOURA *et al.*, 2018; PEREIRA; ARMBRUST, 2010; INÁCIO *et al.*, 2005) que veem nos jogos a possibilidade de adaptar os conteúdos das PCAs tornando-os realizáveis na escola. Nesse sentido, podemos compreender que a interpretação da aventura como jogo e/ou brincadeira na infância, é compartilhada tanto pelos professores entrevistados como pelos pesquisadores que refletem sobre o ensino das PCAs na escola.

Ainda em relação à Categoria I: Experiências com as Práticas Corporais de Aventura, os entrevistados foram questionados se tinham cursado a disciplina de PCAs durante a formação inicial. Do total de 13, 10 professores responderam que não e apenas 03 professores responderam que cursaram a disciplina de PCAs durante a formação inicial.

*Na minha graduação não. Tinha uma disciplina lá que chamava modalidades esportivas alternativas. Tô até tentando lembrar se tinham alguma modalidade de aventura, mas não tinha. Cada dia tinha uma modalidade nova, mas nenhuma de aventura (Professor 04).*

*Não. Na época não tinha essa disciplina na grade curricular. Foi na iniciação científica que eu tive a oportunidade de começar a trabalhar com isso. E estava associado a uma disciplina de lazer (Professor 09).*

*Não. Na minha grade não tinha essa disciplina. A grade de formação era bem antiga, não existia essa disciplina (Professor 10).*

Como falamos anteriormente, as pesquisas e debates sobre esse conteúdo começa a ganhar espaço no Brasil, entre o final dos anos de 1990 e início dos anos 2000. Portanto, até o final da primeira década dos anos 2000, o conteúdo ainda não estava consolidado, como afirma o Professor 11:

*[...] Eu me formei em 2005, então a aventura ainda não estava tão consolidada, né? Se falava de aventura num contexto muito distante. Então, o que eu tive foi uma disciplina chamada projetos integrados, em que o professor podia abordar seminários de qualquer coisa, e aí dentro desse seminário foi abordado algumas coisas sobre esportes radicais (Professor 11).*

Acreditamos que a consolidação desse conteúdo como tema da EF Escolar no Brasil pode ser compreendido em três momentos históricos distintos, sendo o primeiro a realização do Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura em 2006, evento que reuniu pesquisadores e estudantes da área de aventura de diversas regiões do país. Um segundo momento foi a publicação em 2010 do livro *Pedagogia da Aventura* (PEREIRA; ARMBRUST, 2010) primeiro livro com propostas de sistematização do ensino da aventura na escola. O terceiro marco de consolidação das PCAs na EF escolar foi a publicação da BNCC (BRASIL, 2018). Documento que orienta, legalmente, o ensino da aventura na escola.

Categoria II: Experiência com o ensino das Práticas Corporais de Aventura no Ensino Superior

Em relação à Categoria II, os entrevistados foram questionados se já existia a disciplina de PCAs quando eles chegaram como professores na IES. Do total de 13, 07 professores afirmaram que não existia essa disciplina, enquanto que 06 professoras disseram que a disciplina já estava prescrita na matriz curricular. Vejamos as falas.

*Não. Inclusive uma das coisas que eu escutei quando eu cheguei, com essa perspectiva da inserção na BNCC, depois que foi homologada. Porque foi homologada depois que eu cheguei, né? E aí os professores diziam: “ainda bem que*

*tem você aqui, porque se não fosse você não ia ter quem ministrasse esse componente curricular (Professor 02).*

*Não. Essa disciplina não existia na época. E isso me incomodava, porque eu via toda essa riqueza natural que nós temos aqui, e não era explorado academicamente. Então eu propus que o curso de Educação Física pensasse em ofertar algo nesse sentido. Que trabalhasse os esportes na natureza e discutisse essas questões ambientais e de sustentabilidade (Professor 10).*

*Ela existia na grade, mas ela era optativa. Ninguém nunca havia ministrado. Só quando eu terminei o mestrado foi que eu comecei a ministrar. Na época se chamava Esportes Radicais, mas assim que iniciei tratei de mudar a nomenclatura para o termo atual que é Atividades Físicas de Aventura na Natureza (Professor 05).*

Os professores 02 e 06 indicam que a disciplina chega a alguns cursos de licenciatura sob a influência da BNCC. A partir deste documento podemos perceber um ajuste no currículo dos cursos de licenciatura buscando se adequar à nova exigência.

No entanto, os professores 10 e 05 descrevem que a incorporação ou execução da disciplina na matriz curricular se deu através da iniciativa dos próprios docentes. Considerando a afinidade com o tema e/ou os potenciais naturais da região na qual o curso está inserido, esses professores tiveram o empenho de lançar a disciplina no currículo, como afirma o professor 10.

Essa interferência do docente em decidir o currículo pode ser compreendida em Sacristán (2000), quando afirma que existem estruturas de decisões na escolha e controle do currículo. Essas estruturas são formadas por professores, gestores, escolas, criadores de materiais, entre outros, que ora recusam e ora permitem ou estimulam a construção do que vai ser ensinado aos estudantes.

Diante desse contexto, percebemos que os cursos de licenciatura estão demonstrando a necessidade em ofertar o conteúdo das PCAs, evidenciando que a disciplina está conquistando o seu espaço na Educação Física, se consolidando como disciplina obrigatória.

Ainda em relação à categoria II, os professores foram questionados sobre a participação na elaboração do programa da disciplina: ementas, plano de curso ou planos de ensino. Do total, 11 professores afirmaram que contribuíram na elaboração do programa da disciplina, enquanto 02 professores afirmaram não ter participado do processo de construção da disciplina.

*Sim. Inicialmente eu trabalhava com aqueles conteúdos que eu dominava mais, que era a trilha na natureza, o trekking, a corrida de orientação... E gradativamente eu fui incorporando, à medida que eu ia tendo formação, para poder me sentir confortável com esses conteúdos (Professor 01).*

*Sim. [...] eu pensei em dar uma cara para ela (a disciplina). Então o primeiro assunto assim que eu pensei... Transversal, né? Foi o ecoturismo e depois a Educação Ambiental. Então no início tinha essas duas temáticas, e que até hoje estão aí na disciplina. Depois com o tempo, e com o meu amadurecimento também, né? Começamos a discutir bastante as características dos esportes na natureza, diferenciá-las das atividades tradicionais (Professor 04).*

*Sim! Completamente, né? Nós construímos da base, toda a estrutura da disciplina. Considerando todo esse aparato regional para inserir a disciplina, quais modalidades queríamos*



*trabalhar. Inicialmente a gente trabalhava muito a questão de algumas práticas corporais que já existiam como o trekking, as trilhas. As discussões relacionadas ao skate, as discussões relacionadas a corrida de aventura, e outras tantas práticas que a gente vez por outra encontra por aí (Professor 10).*

*Não. Eu tive a oportunidade de revisar agora para o próximo semestre. Tá tendo uma mudança no plano curricular daí então eu tive a oportunidade de fazer ajustes. Mas já estava mais ou menos tudo pronto (Professor 07).*

Na fala dos professores percebemos a dinâmica da formação do currículo. Inicialmente os professores propõem conteúdos que podem ser contemplados pela sua expertise, ou considerando as características naturais da região em que o curso está inserido. No entanto, a disciplina passa a ganhar novos temas e significados, evoluindo através do tempo e acompanhando o amadurecimento profissional do docente.

Nesse sentido, compreendemos que o currículo não é apenas uma estrutura neutra e estática. O currículo é parte de uma tradição seletiva. Das seleções feitas por alguém, as percepções que algum grupo tem do que se deseja conhecer e ensinar. Ele é produzido pelos conflitos, tensões e compromissos culturais, políticos e econômicos que organizam e desorganizam uma comunidade (APPLE, 2000).

### **Categoria III: Planejamento e desenvolvimento da disciplina de Práticas Corporais de Aventura**

Nesta categoria, os professores foram questionados acerca dos conteúdos abordados na disciplina, sobre a importância dos conteúdos das PCAs para os futuros professores de educação física e sobre as principais dificuldades enfrentadas para ministrar a disciplina.

Em relação aos conteúdos selecionados para compor a disciplina, 11 professores, do total de 13, mencionaram meio ambiente e/ou educação ambiental como parte integrante dos conteúdos, como podemos ver na fala dos professores 05 e 09:

*Eu acho que o principal é o meio ambiente. A nossa primeira pegada é sobre meio ambiente. Outro tópico de natureza teórica que eu gosto muito de abordar é a atenção aos biomas, né? Porque os biomas eles são para relacionar ao tipo de prática, né? Pra você ter uma ideia, minha primeira aula prática é abraçar árvores (Professor 05).*

*A gente trabalhou com alguns aspectos relacionados a sensibilização em relação ser humano natureza, educação ambiental, problemas ambientais. Impactos positivos e negativos (Professor 09).*

O fato da maioria dos professores mencionarem o tema meio ambiente e/ou educação ambiental como conteúdos da disciplina pode ser compreendido pela aproximação que existe entre as PCAs e o ambiente natural, visto que algumas modalidades que compõem os Esportes de Aventura tem sua origem na natureza a exemplo do trekking, do rapel e da escalada.

A relação entre as PCAs e o tema meio ambiente é explorada por diversos pesquisadores, que veem na aventura uma possibilidade de abordar essa temática em um contexto prático e dinâmico (MARINHO; INÁCIO, 2007) (FIGUEIREDO; SCHWARTZ, 2013).

Vale destacar que Darido e Rangel (2005), ao discutir sobre os Esportes de Aventura, não aborda nenhuma modalidade específica sobre a aventura, nem sobre a sistematização dos conteúdos. As autoras destacam apenas importância da EF abordar o tema Meio Ambiente, e como os esportes de aventura podem fortalecer a relação do ser humano com a natureza.

Quando não temos um aprofundamento nos conteúdos e modalidades que compõem as PCAs, corremos o risco de minimizá-la ao trato das questões ambientais. O debate sobre o meio ambiente está prescrito nos PCNs como temas transversais e pode ser trabalhado por qualquer

disciplina, seja em uma licenciatura ou na escola, portanto não pode ser visto como o único propósito da disciplina de PCAs (BRASIL, 1997).

Compreendemos e defendemos a importância e a relação, pré-estabelecida, entre as PCAs e a preservação do meio ambiente, seja ele natural ou urbano. No entanto, podemos observar que a disciplina sob essa ótica, passar a ser um meio para se alcançar algo, no caso a educação ambiental, e não um conteúdo independente e definido, como deve ser compreendido de fato. Entendemos assim, que a disciplina de PCAs tem os seus conteúdos próprios, com fundamentos e técnicas específicas.

Ainda em relação aos conteúdos, os 13 professores entrevistados mencionaram as modalidades que fazem parte do planejamento da disciplina, como podemos ver na fala dos professores 01, 10 e 12:

*Hoje eu tento trabalhar com os cinco, né? Slackline, skate, escalada, orientação e parkour. Obviamente eu também tento fazer uma aula falando um pouquinho das outras modalidades (Professor 01).*

*Então a gente tá trabalhando com corrida de orientação, escalada, rapel, mountain bike. Também o skate, o parkour (Professor 10).*

*[...] orientação, corrida de aventura, escalada, rapel, mountain bike, trekking... Alguns esportes urbanos como o skate, o parkour (Professor 12).*

É importante destacar que as modalidades mencionadas não são tratadas apenas pelo viés técnico ou prático. Temas relacionados às questões culturais e sociais inerentes às PCAs foram mencionados por 08 do total de 13 professores entrevistados.

*Então, uma discussão muito importante que eu faço no início do semestre, é uma discussão sobre a cultura [...] É importante nessa disciplina desmistificar algumas coisas principalmente relacionadas ao Parkour e ao skate. Que é essa cultura que se tem de quem pratica essas atividades são vagabundos (Professor 06).*

*Fazemos um diálogo sobre políticas públicas [...]. Nessa perspectiva a gente vai com o parkour, o slackline, o skate. Fazemos um diálogo sobre a ocupação dos espaços urbanos, espaços públicos e de praças (Professor 03).*

*Então, entender o que é a aventura, por que o ser humano quer se arriscar, né? O que é esse espírito de busca por superação de limites. Enfim, entender a história, a contextualização, nessa fase de conteúdos em que a gente busca conhecer e compreender (Professor 11).*

Essa interpretação das PCAs a partir das ciências sociais tem ajudado a compreender a cultura dos esportes de aventura caracterizada pelo risco e pelo desafio. A aventura é permeada por símbolos e significados que estão além da prática do exercício físico ou do esporte, sendo caracterizada também pelo imaginário, o sacrifício e a vontade de superar a si mesmo (COSTA, 2000).

Em relação ao skate e o surfe, Machado (2017) destaca um componente histórico, ao relatar que durante o período em que o mundo vivia a tensão da guerra fria, surgiram modalidades esportivas “anticompetitivas” como parte de um movimento chamado de contracultura. Os esportes de prancha surgem nesse contexto, se contrapondo ao esporte tradicional, pregando a liberdade e a cooperação.

Modalidades como o surfe, o skate e o parkour, tem uma cultura própria na forma de vestir, de falar e de se apropriar dos espaços públicos. Nesse sentido, compreendemos a necessidade dos professores de PCAs tratarem dessa cultura urbana nas suas aulas, visto que a partir dessa abordagem é possível explorar a diversidade cultural das PCAs e a exploração dos espaços para a prática do esporte ou do lazer.

Nesse sentido compreendemos que cabe aos docentes explorar as potencialidades dos conteúdos das PCAs, abordando desde as questões práticas às conceituais e éticas, auxiliando na formação dos estudantes para a compreensão da vida em sociedade (MOURA et al., 2018).

Ainda em relação à Categoria III: Planejamento e desenvolvimento da disciplina de Práticas Corporais de Aventura, os professores foram questionados sobre a importância da disciplina de PCAs para a formação dos futuros professores de EF. Neste tópico os professores foram unânimes em afirmar que a disciplina é importante para a atuação dos futuros professores, como podemos ver nas falas a seguir:

*Então eu acredito, assim, que essas práticas na escola elas tem essa grande missão de tentar fazer com que os alunos tenham práticas, principalmente, fora das escolas, que é onde o ambiente é muito mais rico. Que eles tenham consciência de como praticar de uma forma segura (Professor 02).*

*Eu vejo assim: a grande importância, é a possibilidade do aluno de educação física, quando se tornar professor levar essas experiências para os alunos da escola. É ele se reinventar enquanto professor, sem ficar limitado ao ambiente de quadra. Limitado ao atletismo. Limitado ao ambiente de pátio. E que ele pode explorar o ambiente em qualquer local. Então acho que essa é a grande sacada, de poder oportunizar isso aos seus alunos (Professor 05).*

Ao destacar a importância da disciplina de PCAs para os futuros professores, os entrevistados descrevem a aplicação desse tema na escola, e como esse conteúdo pode ajudar o licenciado a ser um professor inovador e criativo.

Inácio; Sousa e Machado (2020) corroboram com esse argumento quando afirmam que o ensino das PCAs na escola é um avanço, visto que permite a inovação nas aulas de EF ampliando as possibilidades de práticas corporais a serem vivenciadas durante a educação básica.

No entanto, o Professor 07 concorda que o ensino das PCAs é importante para que o estudante da graduação tenha compreensão do que se tratam essas modalidades, porém questiona o seu ensino na educação básica:

*É que aqui [no Brasil] a questão fica um pouco mais complicada, porque é um problema que eu considero um problema de raiz. Porque, se as Universidades (Eu tô numa das melhores do Brasil), não têm condições de dar aulas para os alunos, como é que a gente vai querer que as escolas públicas brasileiras deem conteúdos de Aventura. Então aqui começa uma briga que eu tenho com alguns colegas e amigos. Eu não concordo que se ensine uma criança a escalar, desenhando agarras no chão, e ela no chão imagine que está escalando. Isso não é escalar. É como falar para o pessoal: 'Agora tu vai jogar futebol, mas tu vai jogar futebol dentro da água, com uma caixa de papelão quadrada'. Já não é mais futebol, é uma coisa que se descaracterizou tanto que haja imaginário, entende? (Professor 07).*

Compreendemos que o argumento do Professor 07 é legítimo se considerarmos o ensino das PCAs a partir das técnicas, regras e espaços convencionais de práticas. No entanto, se pensarmos na EF escolar nesse formato, seria possível ensinar o conteúdo das lutas, da ginástica artística ou

do atletismo? Quantas escolas no Brasil podem ofertar uma pista de atletismo, implementos para as provas de lançamentos e saltos, tatame, ou equipamentos para a prática da ginástica artística?

Descaracterizar uma modalidade a ponto de ela ser apenas uma caricatura distante do que realmente é aquela prática esportiva, não é interessante para o aluno e nem para o professor. No entanto, se os professores e pesquisadores não ousarem inovar e recriar determinadas modalidades esportivas, essas ficarão cada vez mais distantes da escola, e principalmente das intuições de ensino públicas.

Outro tópico destacado nessa categoria está relacionado às dificuldades que os professores tem encontrado para ministrar a disciplina de PCAs. Do total de 13 docentes entrevistados, 11 relataram que a principal dificuldade é a falta de equipamentos para a realização das aulas práticas, como podemos ver na fala dos professores abaixo:

*Aqui na universidade a gente não tem nada. Nada de segurança. Então quando a gente vai fazer um rapel, a gente pega equipamento emprestado do pessoal do corpo de bombeiro que é um parceiro nosso (Professor 03).*

*A falta de material. Não tinha nada pra dar aula. O curso estava em formação. Então foram todas as dificuldades possíveis. Mas eu sabia que encontraria essas dificuldades, não foi desmotivante. Por outro lado, a universidade sempre deu todo o apoio (Professor 04).*

*A falta de equipamentos. A falta de equipamentos e espaços apropriados, né? A Escola de Educação Física não tem um mosquetão, não tem um capacete, não tem nada (Professor 07).*

Compreendemos as dificuldades relatadas pelos professores em relação à falta de equipamentos adequados para o ensino dos conteúdos da disciplina. No entanto, os pesquisadores que discutem o ensino das PCAs destacam as possibilidades de adaptar equipamentos e espaços para que os estudantes vivenciem essas modalidades.

Tahara e Darido (2016), ao falarem sobre os equipamentos e os riscos inerentes as PCAs, destacam que é possível adapta-las as características da escola, superando as dificuldades relacionadas ao elevado custo dos equipamentos e ao controle do risco e do perigo, no entanto é importante a experiência do professor para gerenciar a realização das atividades.

O livro publicado por Moura *et al.* (2018), contribui para solucionar o problema da falta de recursos da escola para o ensino das PCAs, transformando as modalidades em jogos de aventura, adaptando regras, equipamentos e técnicas para que os alunos tenham a oportunidade de experimentar as características básicas da aventura como o risco e a vertigem.

Outra dificuldade relatada pelos professores foi relacionada à formação e domínio dos conteúdos para ministrar as aulas. 03 professores do total de 13, afirmaram sentir essa dificuldade no ensino das PCAs:

*Eu, por exemplo, eu me forcei a aprender skate porque eu iniciei a disciplina e não tinha skate (Professor 01)*

*Capacitação. E pra sanar assim, esse aspecto, essa fragilidade que é a capacitação do profissional no caso, eu. Eu tenho aí... tá mais ou menos com 02 anos que eu tenho intensificado essa busca por ampliar conhecimento nessa área, tenho me envolvido com os cursos do Prof. Dimitri. Tenho tentado vivenciar ao máximo os aspectos práticos das atividades de aventura, para que eu possa sanar um pouco essa dificuldade (Professor 12).*

*A maior dificuldade foram as modalidades que eu não dominava. Eu sofri muito pra aprender a usar a bússola (Professor 13).*

A dificuldade relatada pelos professores é compreensível visto que a maioria dos entrevistados não teve a disciplina de PCAs na graduação, e mesmo para os que cursaram essa disciplina é importante compreender que o conteúdo é dinâmico, portanto novas demandas podem surgir incrementando o programa da disciplina, visto que o currículo é uma construção cultural. Portanto, sofre influência dos diversos fatores sociais e acadêmicos que norteiam o fazer docente (SACRISTÁN, 2000).

Os professores 01 e 10 destacaram as dificuldades em uma escala de tempo, pois alguns problemas podem ser sanados, mas não impede que outros venham a surgir desafiando o professor:

*Acho que inicialmente a grande dificuldade que a gente encontrou foram as pessoas acreditarem que aquele conteúdo seria interessante. Que poderia ser discutido em sala de aula. Então acho que a primeira dificuldade foi fincar pé e acreditar que seria possível. Que esse conteúdo é interessante. Que a gente tem que abraçar a ideia. Então foi a primeira dificuldade (Professor 10).*

*As dificuldades vão mudando com o tempo. Inicialmente você fica limitado a três ou quatro práticas que você domina (Professor 01)*

Esse tópico mostra a importância da formação continuada para os professores formadores. Compreendemos a formação continuada como um processo de evolução e continuidade, pensando a partir dos novos desafios sociais e acadêmicos que exigem do docente uma nova abordagem para a construção do conhecimento (SILVA; SANTOS, 2000).

Nesse sentido, compreender uma nova modalidade ou aprimorar o conhecimento sobre determinado conteúdo não pode ser visto apenas como atualização científica. É na verdade, um momento formativo e reflexivo que contempla a realidade econômica e social da instituição de ensino e dos estudantes envolvidos nesse processo (IMBERNÓN, 2011).

O último tópico analisado da Categoria III: Planejamento e desenvolvimento da disciplina de Práticas Corporais de Aventura, diz respeito aos Projetos e Ações de Extensão que os professores tem desenvolvido através da disciplina de PCAs. Dos 13 entrevistados, 09 professores afirmaram desenvolver projetos de extensão, como podemos ver na fala dos professores: 01, 05 e 04:

*Então, junto com o surgimento da disciplina surge a Escola de Aventuras. Que é um projeto de extensão, que inicialmente era oferecido em instalações diferentes da universidade para público de qualquer idade, dentro do Colégio de Aplicação da Universidade Estadual de Maringá (Professor 01).*

*Acontece que uma escola quer alguma atividade de aventura... Eu levo os alunos para promover isso lá na escola. Isso tudo de forma gratuita, né? Então, constantemente nós estamos dando apoio e extensão Universitária às instituições que estão nos procurando. Escolas públicas principalmente (Professor 05).*

*Eu tenho um mega projeto aqui que se chama UFLADVENTURE. Esse é um projeto guarda-chuva. Desde 2011 tenho um projeto de escalada esportiva, com os muros que eu tenho aqui. Esses muros não são só para aula, eles são para a extensão também. O slackline chegou nessa mesma época. O slackline, e está aí também como projeto de extensão. E desde 2018 nós estamos com o parkour (Professor 04).*

Observamos na fala dos professores o empenho em desenvolver atividades de extensão explorando o potencial que a disciplina de PCAs pode ofertar a comunidade. Compreendemos aqui a extensão universitária como um agente que potencializa a função social das IES, visto que tanto aproxima a comunidade da Instituição, como aproxima os estudantes do seu campo de atuação profissional (KOGLIN; KOGLIN, 2019).

Nesse sentido, a extensão torna-se um espaço que possibilita ao formando experimentar, e analisar, a aplicação dos conteúdos a partir da atuação direta no futuro campo de trabalho. Desta forma, acreditamos que a extensão permite aprofundar e qualificar diversos aspectos práticos e teóricos referentes a aplicação das PCAs, principalmente em relação ao controle do risco e aprimoramento dos métodos de ensino, conhecimentos que são melhor adquiridos com a vivência prática.

## Considerações Finais

A realização de entrevistas permitiu compreender tanto a disciplina como a realidade dos professores que a ministram. Os docentes entrevistados demonstram ter uma relação próxima com as PCAs, seja através da prática ou experimentação das modalidades específicas, ou buscando nas memórias da infância uma identidade que justifique a relação de pertencimento a aventura. Essa afinidade que os professores demonstram ter com as PCAs pode ser tomada como ponto de partida para percebermos o cuidado e a seriedade que eles empenham na elaboração e aplicação dos conteúdos.

Foi possível perceber que os conteúdos elaborados pelos professores condizem com aqueles apresentados nas ementas analisadas nessa dissertação. Na fala dos professores identificamos que as discussões sobre o meio ambiente e a educação ambiental, o debate sobre as questões sociais e culturais acerca das PCAs estão entrelaçados com o ensino das modalidades que compõem esses esportes.

A maioria dos professores contribuiu com a elaboração dos documentos curriculares da disciplina, plano de ensino e ementas, evidenciando que os conteúdos propostos sofrem influência dos docentes e das possibilidades naturais e culturais da região. Também identificamos na fala dos professores a influência da BNCC na implantação e elaboração da disciplina, visto que alguns cursos passaram a ofertar esse componente após a publicação desse documento.

Os professores relataram a dificuldade de ministrar a disciplina sem os equipamentos adequados para as aulas práticas, e os desafios da formação técnica para ensinar as PCAs. Mesmo para os professores que cursaram a disciplina na formação inicial, existe um esforço para conhecerem novas técnicas ou manusear equipamentos com eficiência. Isso demonstra a dinâmica temporal dos conteúdos e a necessidade da formação contínua do professor de PCAs.

Diante desse contexto, e percebendo que a disciplina vem conquistando espaço e se consolidando no currículo da EF, podemos concluir que os professores que ministram esse componente demonstram ter conhecimento sobre os seus conteúdos, interligando as modalidades de PCAs com diversos temas da atualidade. É necessário destacar o empenho dos professores em desenvolver ações e projetos de extensão, buscando aproximar os futuros professores do seu campo de atuação, a escola.

## Referências

ABDALA, L. S, COSTA, V. L. M. A participação das mulheres nos esportes de voo livre: um estudo sobre as práticas de aventura e risco. **Revista Gênero**. Niterói, v. 10, n. 1, p. 121-145, 2. sem. 2009. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/30892/17980>. Acesso em: 12 jan. 2022.

APLLE, M. W. **Repensando ideologia e currículo**. In: MOREIRA, A.F.; SILVA, T.T. Currículo, Cultura e Sociedade. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo; Edições 70, LDA, 2011.

BETRÁN, A. O. & BETRÁN, J. O. (1995). **Propuesta de un clasificación taxonômica de las actividades físicas de aventura em la natureza**. Marco conceptual y análisis de los critérios elegidos. Dossier Las Actividades Físicas de Aventura en la Naturaza: análisis sociocultural. Apuntes: Educación Física y Deportes, 41, 108-123.

BRUHNS, H. T. **Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e a aventura**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, São Paulo, v.18, n.2, p.86-91, 1997.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase>. Acesso em: 30 jun. 2019.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: educação física. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental, 1998. 114p. (PCNs 5ª a 8ª Séries). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/fisica.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2019.

CEARÁ, **Documento Curricular Referencial do Ceará**. Secretaria de Educação do Estado. 2019. Disponível em: <https://www.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/37/2019/07/DCR-Vers%C3%A3o-Provisoria-de-Lan%C3%A7amento.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2021.

COSTA, V. L. M. **Esportes de aventura e risco na montanha: um mergulho no imaginário**. São Paulo: Manole. (2000).

CORRÊA, L. V. O. M.. BADARÓ, L. F. SOUZA. J. PIMENTEL. G. G. A. Práticas Corporais de Aventura e Biografias de Movimento na Educação Física Escolar. **Revista Humanidades e Inovação** v.7, n.10 – 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/2893>. Acesso em: 14 jun. 2021.

DARIDO, S.C. RANGEL. I. C. A. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. (Coleção Educação Física no Ensino Superior).

FIGUEIREDO, J. SCHWARTZ, G. M. Atividades de aventura e educação ambiental como foco nos periódicos da área de Educação Física. **Revista Motriz**, Rio Claro, v.19 n.2, p.467-479, abr./jun. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/motriz/a/C87qkKKYTzYFrZgFnTZbHb/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 12 fev. 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

INÁCIO. H. L. D. SOUSA. C. S. MACHADO. L. F. A presença das práticas corporais de aventura em escolas públicas da região metropolitana de Goiânia: um estudo exploratório. **Revista Motrivivência**, (Florianópolis), v. 32, n. 63, p. 01-16, julho/dezembro, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/76350/44685>. Acesso em: 01 mar. 2022.

INÁCIO. H. L. D, SILVA. A. P. S, PERETTI. E, LIESENFELD. P. A. **Travessuras e artes na natureza: movimentos de uma sinfonia**. In: SILVA, A. M. M; DAMIANI, I. R. (Org.). Práticas corporais. Florianópolis: Nauemblu, 2005. p. 81-105.

KOGLIN, T. KOGLIN, J. C. A Importância da Extensão nas Universidades Brasileiras e a Transição do Reconhecimento ao Descaso. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**. 10, 2. (jun. 2019).

Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/citationstylelanguage/get/acm-sig-proceedings?submissionId=10658>. Acesso em: 01 mar. 2022.

MACHADO, P. R. T. **Uma Aventura Olímpica: Novas Modalidades, Novos Desafios**. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies* – v. 1, n. 3 (2017). Disponível em: <http://olimpianos.com.br/journal/index.php/Olimpianos/article/view/30/20>. Acesso em: 01 mar. 2022.

MARINHO, A. INÁCIO, H. L. D. **Educação Física, Meio Ambiente e Aventura um percurso por vias instigantes**. *Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas*, v. 28, n. 3, p. 55-70, maio 2007. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/23/30>. Acesso em: 26 fev. 2022.

MINAS GERAIS. **Currículo Referência de Minas Gerais**. Secretaria de Estado de Educação. 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos\\_estados/documento\\_curricular\\_mg.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/documento_curricular_mg.pdf). Acesso em: 27 ago. 2021.

MINAYO, M. C. S. (Org.) **Pesquisa social teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MOURA, D. L.; SANTANA, M. A.; XAVEIR Jr., J. F.; SILVA, J. C. S.; LIMA, J. M. G.; ARAÚJO, J. G. E.; SOUZA, C. B. **Dialogando sobre o ensino da Educação Física: práticas corporais de aventura na escola**. Curitiba: CRV, 2018.

MOURA, D. L. BENTO, G. S. SANTOS, F. O. LOVISOLO. H. **Esporte, Mulheres e Masculinidades**. *Revista Esporte e Sociedade*, ano 5, n 13, nov.2009/fev.2010. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/citations?view\\_op=view\\_citation&hl=pt-BR&user=958-gesAAAAJ&citation\\_for\\_view=958-gesAAAAJ:u5HHmVD\\_uO8C](https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=958-gesAAAAJ&citation_for_view=958-gesAAAAJ:u5HHmVD_uO8C). Acesso em: 12 fev. 2022.

PARANÁ. **Referencial Curricular do Paraná**. Secretaria de Estado de Educação. Disponível em: <http://www.referencialcurricularparana.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=16>. Acesso em: 13 dez. 2021.

PEREIRA, D. W.; ARMBRUST, I. **Pedagogia da Aventura**. Jundiaí: Fontoura, 2010.

PIAUI. Secretaria de Estado da Educação. **Currículo do Piauí: Um Marco para Educação do nosso Estado**. Educação Infantil, Ensino Fundamental (Org) SILVA, C. A. P. *et al.* Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

SACRISTÁN, J. G. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SCHWARTZ, G. M. (Org.). **Aventuras na natureza: consolidando significados**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2006.

SCHWARTZ, G. M.; PEREIRA, L. M.; FIGUEIREDO, J. P.; CHRISTOFOLETTI, D. F. A.; DIAS, V. K. **Preconceito e esportes de aventura: A (não) presença feminina**. Instituto de Biociências, UNESP-RC – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho campus de Rio Claro, Brasil, *Revista Motricidade, Vila Velha*, vol.9, 2013

SCHWARTZ, G. M.; PEREIRA, L. M.; FIGUEIREDO, J. P.; CHRISTOFOLETTI, D. F. A.; DIAS, V. K. **Estratégias de Participação da Mulher nos Esportes de Aventura**. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, n.38, p. 156- 162, Set. 2016

SILVA, C. M. B. SANTOS. E. O. **FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: CONCEPÇÕES E IMPORTÂNCIA**. *Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica*. Vol. 1. 2020. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/9281>. Acesso em: 05 mar. 2022.



SOUZA, J. **Educação Física Reflexiva – problemas, hipóteses e programa de pesquisa.** Revista Movimento, Porto Alegre, v. 25, e25002, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/78269/52160>. Acesso em: 12 fev. 2022.

TAHARA, A. K; DARIDO, S. C. **Práticas corporais de aventura em aulas de Educação Física na escola.** Conexões, v.14, n.2, p.113-136, 2016.

VIEIRA, S. V. PIOVANI, V. G. S.. FARIAS, G. O. BORTH, J. **Preocupações de professores de Educação Física ao longo da carreira.** Rev Bras Ciênc Esporte. 2021; 43: e007720. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/LvkXHfdBpkZYWgrntMZfTtP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 fev. 2022.

Recebido em 17 de março de 2022.

Aceito em 29 de julho de 2022.